

A CASA TOMBADA E
FACULDADE CONECTADA – FACONNECT
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
O LIVRO PARA INFÂNCIA: TEXTOS, IMAGENS E MATERIALIDADES

ALINE MONFREDINI DA SILVA

Migrar: Ancestralidades e Infância
Reflexões sobre os livros para infância e situações de deslocamento forçado

São Paulo

2021

ALINE MONFREDINI DA SILVA

Migrar: Ancestralidades e Infância
Reflexões sobre os livros para infância e situações de deslocamento forçado

Trabalho apresentado para o curso de Pós-Graduação O Livro para Infância: Textos, Imagens e Materialidades na Faculdade Conectada (FACONNECT).

Orientadora: Cristiane Rogerio

São Paulo

2021

Reflexões sobre os livros para infância e situações de deslocamento forçado

Resumo: *Este trabalho de conclusão de curso é uma reflexão sobre os livros que tratam a respeito da situação de deslocamento forçado na infância. O artigo foi feito baseado na leitura dos livros “Dois meninos de Kakuma” e “A chegada”, em pesquisas sobre as questões da migração e refugiados hoje e em entrevistas com a Editora Chefe da Editora Pulo do Gato, Márcia Leite, e a jornalista, artista e escritora Marie Angie Bordas.*

Palavras chave: *deslocamento forçado, infância, literatura.*

Title: *Reflections on children’s books and forced displacement situations*

Abstract: *This Completion of Course Work conclusion work is a reflection on the books that deal with the situation of forced displacement in childhood. The research was done based on the reading of two books: “Dois Meninos de Kakuma” and “A Chegada”, and in interviews with the Editor-in-Chief of Pulo do Gato, Márcia Leite, and the journalist, artist and writer Marie Angie Bordas.*

Keywords: *forced displacement, childhood, literature.*

Introdução

Algumas vezes as nossas ideias e pensamentos parecem não ter junção lógica, tudo bem é aleatório, mas de um jeito estranho as coisas se encaixam.

Meu nome é Aline Monfredini da Silva. Monfredini por parte de mãe. Meus bisavós maternos eram imigrantes vindos da Itália, tanto o pai da minha avó quanto o pai do meu avô vieram trabalhar no período das lavouras de café após a libertação dos escravos, segundo as conversas nos almoços de domingo, na casa da minha avó.

Já o sobrenome Silva é por parte de pai, e para mim essa é a parte mais difícil de preencher na árvore genealógica. Meus avós vieram do Estado de Pernambuco, da cidade de Paulista, perto de Olinda. Meus avós se conheceram em uma fazenda de engenho, o dono da fazenda cedia o espaço para que eles plantassem e trabalhassem para ele – uma moradia em troca de subsistência. Não existia um salário. Vejam que estamos falando do Brasil, em Pernambuco, nos anos de 1930 e 40 mais ou menos. Meu avô é negro e minha avó era branca, os dois nasceram na mesma fazenda de engenho. O sobrenome do meu avô é Salviano. Uma vez, meu pai teve a chance de ir para a Angola e viu muitos Salvianos por lá. Na época da escravidão, o escravizado ficava com o nome daquele que o comprava, e, além disso, os

registros e os documentos são difíceis de acessar. Voltar no tempo em relação à família do meu pai é muito obscuro. As raízes se perdem em memórias um pouco confusas.

Comecei esta viagem pelas memórias de família em um período em que eu trabalhei em uma livraria, onde fiquei por quase três anos (2014 até 2017). Em 2015, foi noticiada a morte por afogamento de um menino sírio em uma praia na Turquia, quando sua família e outros imigrantes tentavam fazer a travessia para Grécia. De repente, o termo “crise migratória” tomou a mídia hegemônica.

Apesar de os termos refugiado e imigrante serem usados como sinônimos pela mídia, como vemos, há uma diferença crucial entre eles. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), confundi-los pode causar problemas na solicitação de abrigo e apoio por parte dos refugiados, pois esses necessitam de proteção internacional. Esta ajuda e proteção são regulamentadas pela convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951, e em documentos criados para tentar sanar a demanda imensa de pessoas perseguidas, surgidas com a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 a 1945.

Já existiam livros sobre infância e imigração, mas após essa notícia fui notando, ali no meio dos livros, um aumento de lançamentos com esse tema. Procurar a história da minha família e ver esta movimentação na oferta de livros me incentivou a olhar para tudo de maneira especial. Com isso, as reflexões de uma vida: por que existem povos que são criminalizados e outros não? Nós estamos criminalizando a imigração? Também penso nessas crianças que fazem o deslocamento forçado, com ou sem adultos como acompanhantes. No Estatuto dos Refugiados, de 1951, não existem diretrizes específicas para infância e o conceito de “refugiado” pode ser aplicado sem distinção quanto à faixa etária.

Escolhi então refletir sobre dois livros: “A chegada”, do australiano Shaun Tan e “Dois meninos de Kakuma”, de Marie Angie Bordas. A primeira semelhança que esses livros trazem são várias histórias pesquisadas que viraram uma história só. Além disto, as narrativas com imagens e com as palavras aproximam o leitor com grande identificação, seja por meio de desenhos realistas, como os de Shaun Tan, ou o uso de fotografias, como Marie Angie. Ao longo dessa pesquisa entrevisto Marie Angie Bordas e Márcia Leite, Editora Chefe da editora Pulo do Gato, onde o livro foi publicado. Conversar com as duas me ajudou a refletir sobre essa infância não demarcada e nem muito discutida no deslocamento forçado.

1. As palavras importam: imigração e deslocamento forçado

O homem sempre se deslocou em busca de melhores condições de vida. Imigração voluntária é aquela movimentação que surge espontaneamente por motivações próprias do sujeito em geral, pelo desejo de concretizar projetos pessoais e familiares, pela perspectiva da melhora socioeconômica que se acredita encontrar no país de destino. Refugiado, no entanto, é uma imigração forçada. São sujeitos que se encontram fora do seu país por conta do temor de serem perseguidos, em virtude de crença religiosa, raça, opinião política, participação em grupos sociais, guerra e/ou desastres naturais. A multiplicação de conflitos globais tem aumentado os deslocamentos de pessoas pelo mundo, vítimas da violação de direitos humanos. Milhões de pessoas fogem em busca de sobrevivência.

Há também os apátridas, pessoas que não possuem nacionalidade reconhecida por nenhum Estado e podem ser considerados como refugiados, entretanto, particularidades em suas condições requerem distinções. Os motivos são ainda mais conflitantes, pois uma pessoa pode ser julgada como apátrida quando um país discrimina uma minoria por aspectos étnicos, religiosos ou sócio-políticos e nos casos de independência de um Estado, sem que todos os seus residentes sejam incluídos como cidadãos, e nos conflitos legais entre nações, em que não há consenso sobre qual deles deveria reconhecer a cidadania de determinadas pessoas.

É o que ocorre com o povo *rohingya*, que vive na região do governo de Mianmar, no sudeste da Ásia. Eles não são reconhecidos pelo governo e têm direitos limitados como cidadania, movimento e permissão de residência, o que impede o progresso social e econômico dessa etnia, sendo considerados apátridas. A mais expressiva minoria apátrida do mundo (mais de 75% das populações apátridas pertencem a grupos minoritários) começou a deixar Mianmar em direção a Bangladesh (país que faz fronteira) e essa situação exemplifica o que anos de exclusão prolongada, discriminação e impacto no reconhecimento da cidadania podem ocasionar.

Termos como: “migração forçada”, “crise de refugiados” e “imigração ilegal” são palavras que reforçam a xenofobia e reforçam estereótipos preconceituosos, também ampliados por meios de comunicação, como a internet. No ano de 2019, o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH)¹ publica um guia para comunicadores, que ajuda orientar e abordar o tema migração e refúgio.

¹ O Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH) é uma associação sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, fundada em 1999 em Brasília e vinculada à Congregação das Irmãs Scalabrinianas. O IMDH dedica-se ao atendimento jurídico e socioassistencial, à acolhida humanitária e à integração social e laboral de migrantes, solicitantes de refúgio, refugiados, refugiadas e apátridas.

1.1 Crianças em situação de refúgio e os livros para infância

Metade dos refugiados do mundo são crianças. Dados indicam que existam cerca de 138.600 crianças desacompanhadas e separadas dos seus pais pelo mundo. Deste número, 27.600 crianças desacompanhadas pediram asilo 111.000 foram mencionadas em 2018. São crianças que podem ter sido feridas, testemunhas das disputas armadas e da destruição de suas casas e comunidades, sobreviventes do deslocamento forçado e da separação de seus familiares, expostas à violência física e sexual, aos recrutamentos de grupos armados e à falta de acesso a serviços básicos. Estas crianças enfrentam insegurança e falta de proteção diariamente. Em setembro de 2019, a ACNUR² divulgou dados em que das 7,1 milhões de crianças refugiadas no mundo, 3,7 milhões não frequentam a escola.

Com uma situação tão complicada é bom perceber que este é um tema que está ocupando os catálogos das editoras, inclusive aqui no Brasil. São realidades a que nós temos pouco acesso, pois não existia uma disseminação tão grande dessa situação pela mídia. Márcia Leite tem uma longa experiência como escritora de livros para infância e, há alguns anos, como editora e sócia da Editora Pulo do Gato³, foi uma das primeiras a trazer esse tema para os livros ilustrados para a infância no Brasil.

Ouvi-la sobre a decisão de publicar estes livros nos evidencia a própria importância de, ainda na infância, leitores terem acesso de forma poética e aberta sobre assuntos como direitos humanos, direitos da criança em situações de vulnerabilidade, questões por conta do desamparo e da violência na infância. Como neste trecho da entrevista:

As crianças precisam de livros que permitam interlocuções sobre temas que as “rondam” direta ou indiretamente e sobre os quais tenham curiosidade ou necessidade de diálogo. Todos estamos em trânsito ou em situação de movimento ou deslocamento, de alguma maneira. Agora, por exemplo, durante a pandemia, quem pode assegurar que tem controle sobre sua vida ou seu futuro? As crianças captam os não ditos, estejam na condição de nomear ou não o que vivem ou sentem. Precisamos falar sobre isso.

Acredito que os livros da Pulo que abordam temas ligados à condição de refúgio, ao deslocamento forçado ou por necessidade, à orfandade, ao

² O “Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados”, atuando sob a autoridade da Assembléia Geral, assumirá a **função** de proporcionar proteção internacional, sob os auspícios das Nações Unidas, aos refugiados que se enquadrem nas condições previstas no presente Estatuto, e de encontrar soluções permanentes

³ Lançamento da Editora Pulo do Gato: Eloísa e os Bichos, 2013; A Cruzada das Crianças 2014; A viagem dos elefantes 2014 Diário de Blumka primeira edição em 2017, Dois meninos de Kakuma-2018

abandono, às situações de guerra, entre outros, podem falar com diferentes leitores de formas igualmente diferentes, seja pela identificação, pelo reconhecimento de sua narrativa familiar, pela oportunidade de nomear e acolher o que sente e vive em um país estrangeiro. E até mesmo pela empatia, condição importante da literatura.

As crianças que nunca passaram por qualquer situação de desequilíbrio ou deslocamento territorial também poderão, por meio da ficção, sensibilizar-se, desenvolver a empatia e a responsabilidade social.

Quando compramos os direitos de “Um outro país para Azzi”, publicado em 2012, achávamos que era urgente trazer para o leitor brasileiro um tema que já se anunciava essencial na discussão dos direitos humanos.

Nada aconteceu, para nossa surpresa. Não houve repercussão. Parecia um tema invisível para os quais não se queria olhar, ou por desconforto ou desinteresse. O livro ficou praticamente “parado” até que a mídia, principalmente a televisão, começou a mostrar a dramática situação dos refugiados sírios. A Síria vivia uma situação terrível e famílias inteiras começaram a fugir para os países vizinhos ou a atravessar o mar e bater nas portas da Europa. O tema ganhou outras fronteiras e outra visibilidade. Esses refugiados eram brancos.

Apenas em 2016, quatro anos depois de publicado, “Um outro país para Azzi” começou sua trajetória entre leitores brasileiros. E com ele outros títulos também se tornaram visíveis, como: “Para onde vamos”, “Olhe para mim”, “Eloísa e os bichos”, “A cruzada das crianças”, “A viagem dos elefantes”, “Diário de Blumka”, “Dois meninos de Kakuma” (Leite 2020)

Esses livros que Márcia cita como exemplo, além de outros publicados por outras editoras, nos mostra e nos coloca em contato com uma realidade que parece distante e tão pouco discutida no Brasil. Apesar do número de publicações ter aumentado um pouco, o impacto de compra ainda é pequeno, quero dizer, ainda não são livros adotados em escolas, comprados em massa. A mídia faz parecer isso um modismo e espaços públicos tradicionais, como a escola, não dão o lugar que estas discussões poderiam ter:

Livros cujos temas abordam questões sociais complexas não provocam impacto transformador na comunidade escolar ou na sociedade. É a própria situação e cenários complexos que geram um impacto social e emocional

que talvez possam ser amenizados pela ficção, pelo livro. A escola parece não ter se dado conta de que suas crianças não vivem em um mundo paralelo que não corresponde à realidade. Crianças são crianças no momento presente, elas pensam e agem como crianças, mas estão presentes, atentas, sensíveis.

No Brasil, crianças refugiadas são respeitadas como crianças quando recebem a garantia de terem o direito de serem matriculadas nas escolas públicas, mas estas, por sua vez, não possuem recursos humanos, conhecimento e condições de acolhê-las como necessitam, como crianças. São as pequenas grandes iniciativas do terceiro setor, de educadores e agentes sensibilizados pela causa dessas comunidades, ONGs, associações religiosas, órgãos internacionais, como ACNUR, IKMR⁴, Caritas etc que acabam por assumir a tarefa de esclarecer, de apoiar e de até orientar professores das escolas públicas.

Alunos (refugiados ou não) são pessoas afetadas pelo meio em que vivem, pelo tempo em que vivem, pelas pessoas com quem convivem, pelos estímulos a que têm acesso.

Se vão se tornar adultos críticos/criativos ou alienados/resignados dependerá do que lhe será ofertado para que se desenvolvam em condições de segurança física e emocional. Vivências reais - narrativa construída -, ou ficcionais – narrativas simbólicas.

E o que é o livro nesse contexto? Uma pequena bússola. Uma pequena esperança. Uma pequena boia. Uma pequena certeza. -(Leite, 2020)

2. Ouvir e acolher a si e ao outro

Marie Angie Bordas é a autora do livro “Dois meninos de Kakuma”, publicado em 2018, pela editora Pulo do Gato. Ela é autora, artista multimídia e educadora. Nos últimos 10 anos criou projetos de arte participativa, alfabetização visual e mídia em comunidades deslocadas em diferentes países (França, Inglaterra, África do Sul, Quênia, Etiópia, Sri Lanka, Haiti). Desde 2007 se dedica a iniciativas com crianças em comunidades tradicionais brasileiras e publicou os livros “Histórias da Cazumbinha” (Companhia das Letrinhas, 2010) e “Manual da Criança Caiçara” (Peirópolis, 2012). Os livros foram agraciados com o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e

⁴ IKMR Organização não governamental brasileira sem fins lucrativos, com 04/06/1; Dedicada-se especificamente as crianças refugiadas.

foram escolhidos para o Programa Salas de Leitura, da Secretaria Estadual de Educação, de São Paulo. Em 2018, lançou seu livro: “Dois Meninos de Kakuma”, que fala sobre dois meninos que vivem em campos de refugiados no Quênia.

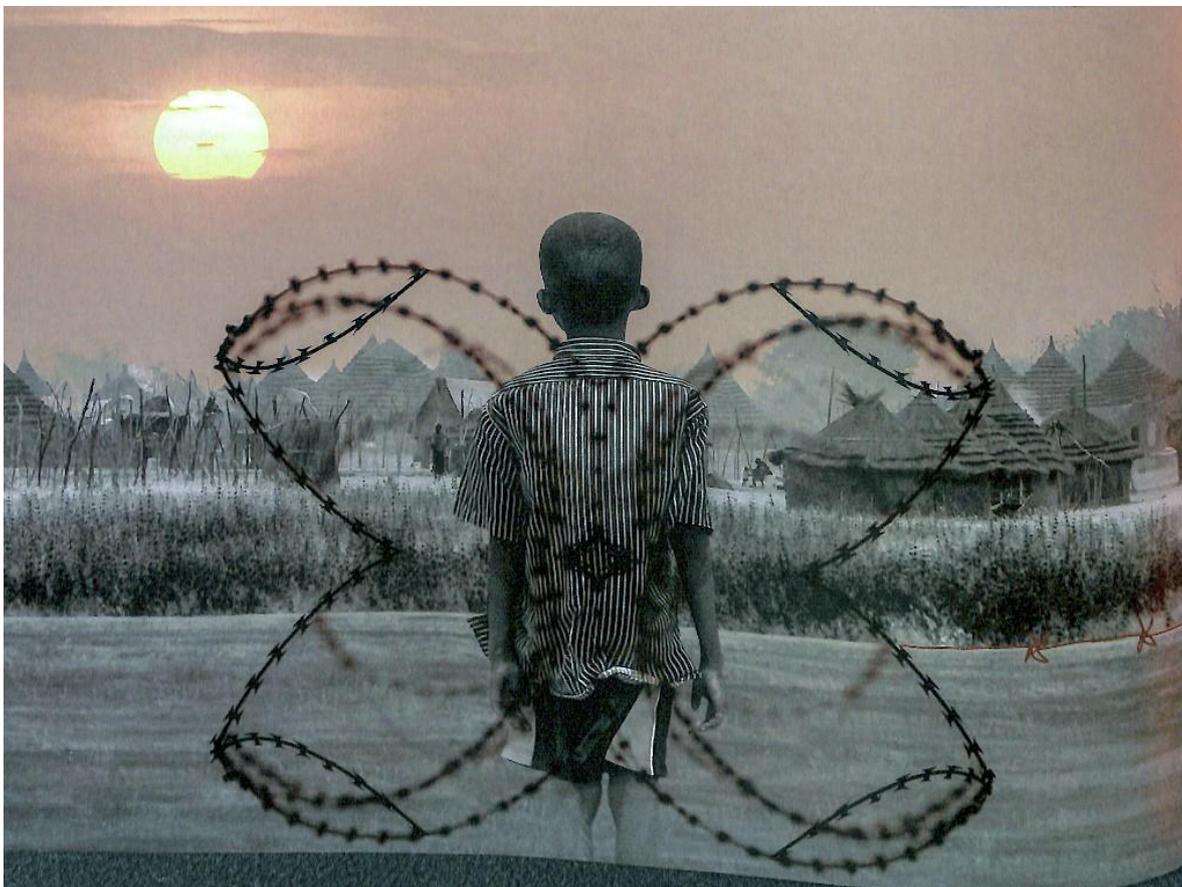


Figura 1. Fotografia Marie Angie Bordas. Do livro “Dois Meninos de Kakuma” (Bordas, 2018)

Enquanto lia o livro “Dois meninos de Kakuma”, a sensação que eu tinha é que o temporário foi ficando fixo e aquelas pessoas foram sendo esquecidas. O livro conta a história de dois meninos, Geedi e Deng. A história é uma ficção. A autora juntou vários relatos da experiência do campo de refugiados e criou os dois personagens, história essa que acreditei em cada palavra. Não sei se o que me impressionou foi o fato de as crianças andarem por aí sozinhas ou ser possível alguém viver em um lugar temporário por tanto tempo.

O livro também usa o recurso da fotografia e da foto-ilustração, uma mistura de fotografias com desenhos. As fotografias em preto e branco ajudam muito a criar esta atmosfera de “real”, e a intervenção da ilustração, torna tudo menos duro, dando à narrativa uma sensação de esperança. Também causa um contraste com uma realidade tão árida, a ideia de que este tipo de infância é tão válido quanto qualquer outra. A infância não se perde apesar de tudo.

Imagino o quanto deve ser custoso ter que esperar algum país que te receba. A dureza no livro não é disfarçada por um olhar inocente. É saudade e, algumas vezes, abandono, que se percebe apesar dos laços que vão se criando dentro do campo. Existe uma sensação de querer ser livre e ser dono da própria vida.

Antes deste livro, Marie tem uma longa trajetória que começa em 2001 e vai até 2004, quando compartilhou o dia a dia de refugiados vivendo em Johannesburgo (África do Sul), depois outro grupo na periferia de Paris, e o Campo de Refugiados em Kakuma. Nesses lugares realizou oficinas de fotografia, vídeo e som. Seu trabalho nasceu de sua percepção de quanto era privilegiada a sua mobilidade, que redefiniu sua forma de ser e agir no mundo.

É interessante notar no processo de Marie o acolhimento e o que foi feito até se desdobrar em livro:

A primeira experiência foi com jovens e crianças vivendo no Campo de Refugiados de Kakuma (Quênia), onde criamos a fotonovela *On the Move* sobre crianças que nasceram na liberdade cerceada do campo. O desafio era criar uma ficção a partir da realidade vivida, instigar nos jovens o desejo de articular um discurso próprio, distinto do discurso das agências humanitárias internacionais predominante na educação local. A segunda foi em uma oficina de integração e cidadania que reuniu crianças de uma chamada classe especial de quinta série, numa escola no sul de Londres, e jovens refugiados na produção da fotonovela ilustrada. Com a “missão” de pesquisar e criar histórias e retratar em fotos e desenhos sua realidade, as crianças tornam-se catalisadoras de um processo de revitalização da cultura/identidade local de forma orgânica e natural, contribuindo também para a construção de uma memória coletiva contemporânea. Acredito na criação visual (fotografia/desenho) como uma ferramenta poderosa de construção/reconstrução de identidades individuais e comunitárias. No plano individual, ela provê uma janela para percepção de seu entorno e uma maneira de expressar-se criativamente. No plano coletivo, ela possibilita que comunidades tenham o controle de sua imagem e da representação de sua cultura. O ato de observar, treinar o olhar para realmente perceber seu entorno, para após documentá-lo (literal ou abstratamente), abre um novo canal para compreensão de sua realidade, um canal que pode promover

novas interações sociais e conduzir ao fortalecimento de laços dentro da própria comunidade.

Quanto elas se viam nos livros e os próprios livros literários e também essa opção teve com o meu não querer, de alguém que sai de um lugar e vai para o outro, do meu mundo urbano e vai para o meio da mata e vira uma detentora da representação dessas outras realidades. Eu acho muito louvável, os artistas, os ilustradores, pintores que fazem isso, mas não é de fato o que me interessava como aqueles lugares que me parecem, como essas crianças se vêem e enxergam o seu lugar. A fotografia expande sem nenhum romantismo, pois toda fotografia constitui-se de uma subjetividade pessoal, portanto também cultural, mas como ela é essa relação direta com a representação, ela tem uma camada a menos de forjar representações, então quando eu estou falando da caatinga eu quero ver a caatinga que as crianças vêem, elas vão escolher para mim o que é a caatinga, não aquela foto que eu via há 30, 40 anos atrás quando eu ia para escola. E eu também queria ver essas crianças, mostrar essas crianças, e mostrar essas crianças desses lugares. Crianças negras, crianças indígenas protagonistas desses lugares, protagonistas das suas histórias e de histórias.

Uma coisa que foi muito forte, sempre que eu volto a folhear o livro, é realmente essa surpresa das crianças se enxergarem, as crianças negras, sobretudo, se enxergarem nesses espaços de status quo, que os livros representam ainda. O livro é para falar de coisas importantes, são coisas que vem de fora, elas ali se enxergando e enxergando outras crianças como elas, protagonizando suas próprias histórias. (Bordas, 202)



Figura 2: Fotografia de Marie Angie Bordas ; Livro “Dois Meninos de Kakuma” (Bordas, 2018)

A ideia do livro veio anos depois, em 2017, quase 14/15 anos depois. Tendo como tema central do livro uma criança que nasceu em Kakuma e outra que foi para lá, o livro traz a discussão do que é uma vida normal e o que é uma vida para quem não conhece outra vida, que é aquela infância que ela teve. Outro dado interessante são as fotografias em preto e branco:

É que quando eu estive em Kakuma, 2003/2004, eu fotografei em preto e branco, fotografei com uma câmera analógica, não é nenhuma grande escolha, naquela época, o digital estava começando. Eu, tirando o trabalho profissional para a revista, no mercado do jornalismo, eu sempre no meu trabalho pessoal; usei bastante fotografia preto e branco. Eu tinha também algumas fotografias coloridas, mas em nenhum momento elas me pareciam tão reveladoras. As fotografias coloridas pareciam mais representativas, mais textuais. A fotografia preta e branco era uma outra camada de construção de ideia que te afaste dessa realidade, ainda mais em Kakuma, onde o real... como eu vou dizer isso...a vida do dia a dia, o real tão marcado por um distanciamento da ficção...na verdade, o que me chamou a atenção em uma das minhas primeiras conversas com o grupo, quando eu perguntei sobre a

vida deles, a gente ficou meia hora recolhendo impressões juntos. Eu fui escrevendo no *flipchart* e praticamente tudo que vinha era negativo, o que vinha era: “aqui é muito seco, aqui é muito quente, aqui tem violência doméstica, aqui tem HIV/Aids, aqui a gente tá preso”. Ao perceber que esses jovens com quem eu estava trabalhando tinham em média entre 18 a 28 anos e que muitos deles tinham passado pelo menos uns 40%, 50% da sua vida naquele lugar e perceber que não havia nada de bom para falar da sua vida foi uma coisa muito impressionante. Eu me coloquei, sobretudo, como tento fazer como artista, é fazer, que é olhar a realidade de outra maneira e despertar as pessoas para sua própria realidade de uma maneira expandida, observativa/observadora e também subversiva quem sabe... Como é que a gente faz para as pessoas em situações radicais verem o seu dia a dia de uma outra maneira? E será que isso que eles estão me falando também já não é uma representação da própria vida que eles acham que a pessoa de fora está esperando? Isso faz muito parte da questão do refúgio. Para você ser considerado refugiado você tem que construir o seu case⁵, você tem que ser o mais convincente possível. Então as pessoas sabem o que agência humanitária quer ouvir, o que jornalista quer ouvir, o que acadêmico quer ouvir e reforça um certo estereótipo externo. Uma das ideias era essa e a outra era que as pessoas eram tão presas nesse discurso narrativo da sua realidade difícil e também por uma questão cultural, de não ocidental, de uma maneira de se pensar individualmente, como uma coisa mais importante do mundo. Também essa ideia da ficção, era tentar fazer exercícios onde jovens e as crianças criavam ficção a partir da sua realidade, “Ah então vamos falar de como a vida é dura aqui”. E como a gente pode falar como a vida é dura aqui a partir de um ser que existe, a partir de uma ideia, de uma mensagem que quer enviar ou até de uma mensagem desconstruindo essa nossa realidade. O preto e branco ajudavam a dar essa distância do real, o avô do Kakuma foi o livrinho “On the Move”. (Bordas, 2020)

Em 2017, quando Marie Angie volta para Kakuma, o campo já abrigava 20 mil pessoas, tinha hospitais e 20 escolas foram construídas. Atualmente, o lugar tem o tamanho de uma cidade. Algumas vezes penso no quanto nossos ancestrais andaram para que nós estivéssemos

⁵Case: No dicionário significa casa ou dispor tendo em conta, tendo semelhanças. Case também é usado no marketing, em ambientes corporativos, como, por exemplo, “um case de sucesso”, que quer dizer um aspecto de algo que foi realizado e foi importante para as outras pessoas.

aqui agora, mas não só isso, eu penso em todas as nossas situações que passamos antes para que estivéssemos aqui e agora.

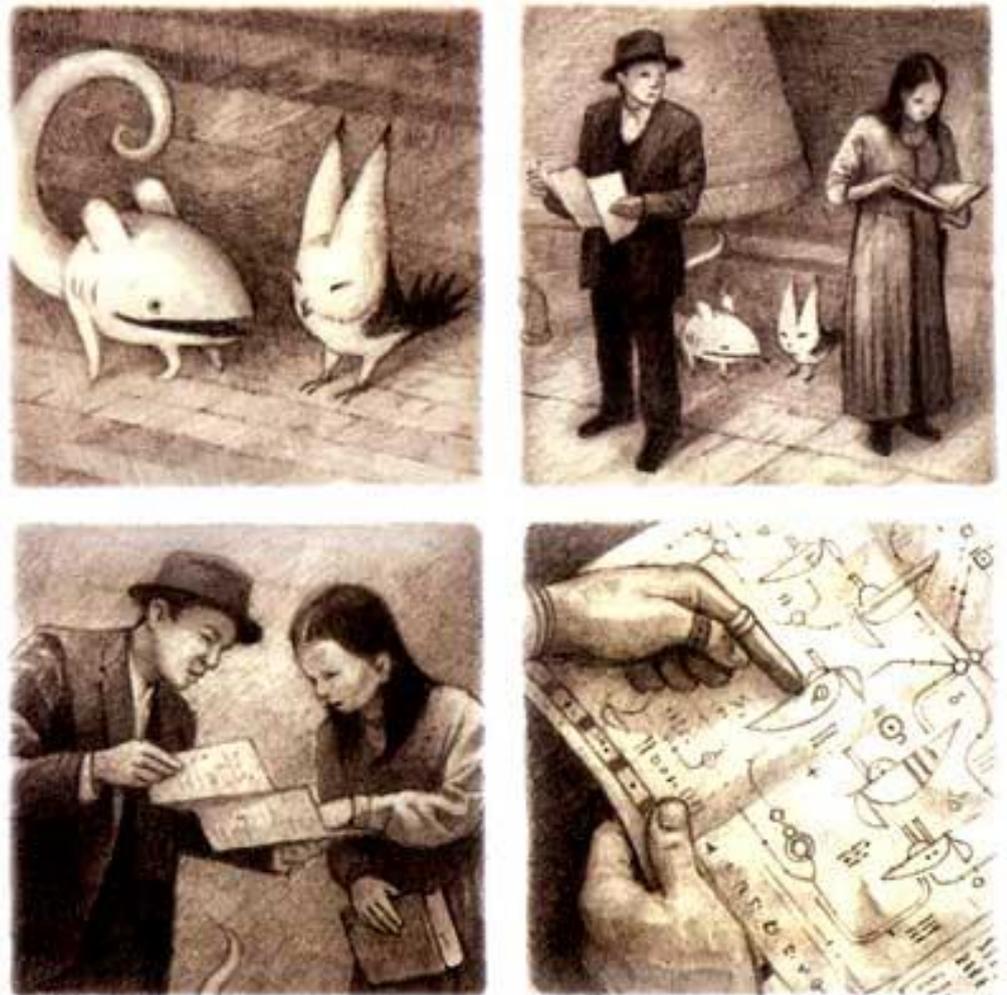


Figura 3. Ilustração Shaun Tan ; Para o livro “A Chegada” (Tan, 2007)

Shaun Tan, autor do livro “A chegada”, nasceu na Austrália. O seu pai é chinês e foi para a Austrália estudar arquitetura. Mesmo nascido na Austrália ele sofreu racismo, assim como ele mesmo se refere em seu depoimento na revista *View Point Magazine*:

Ser metade chinês em um momento em que isso era bastante incomum pode ter composto isso, pois me perguntavam constantemente 'de onde você é?', para o que minha resposta 'daqui' apenas levava a um questionamento além, 'de onde é que seus pais vieram?' Pelo menos essa foi uma atenção muito mais positiva do que o ocasional racismo sutil que experimentei quando criança, e que também notei dirigido aberta ou disfarçadamente ao meu pai

chinês de tempos em tempos. Crescendo, eu tive de fato um vago senso de separação, uma noção pouco clara de identidade ou distanciamento das raízes, além do conceito tradicionalmente contestado de o que é ser 'australiano' ou, pior, um 'não-australiano' (o que quer que isso possa significar).

Para além de quaisquer problemas pessoais, acho que o "problema" do pertencimento talvez seja uma questão existencial básica com a qual todo mundo lida de vez em quando, se não regularmente. Ela emerge especialmente quando as coisas "dão errado" em nossas vidas habituais, quando algo desafia nossa realidade confortável ou desafia nossas expectativas - que normalmente é o momento em que uma boa história começa, assim, bom combustível para ficção. Muitas vezes nos encontramos em novas realidades - uma nova escola, trabalho, relacionamento ou país, qualquer um dos quais exige alguma reinvenção de 'pertencimento'.

Isso predominava na minha mente durante o longo período de trabalho em "*The Arrival*", um livro que trata do tema da experiência do migrante. Dada minha preocupação com 'estranhos em terras estranhas', esse era um assunto óbvio a ser abordado, uma história sobre alguém saindo de casa para encontrar uma nova vida em um país nunca visto, onde até os detalhes mais básicos da vida cotidiana são estranhos, confrontadores ou confusos - para não mencionar além da compreensão da linguagem. É um cenário em que eu pensava há vários anos antes de se cristalizar em algum tipo de forma narrativa. (Shaun Tan – *View Point Magazine*)

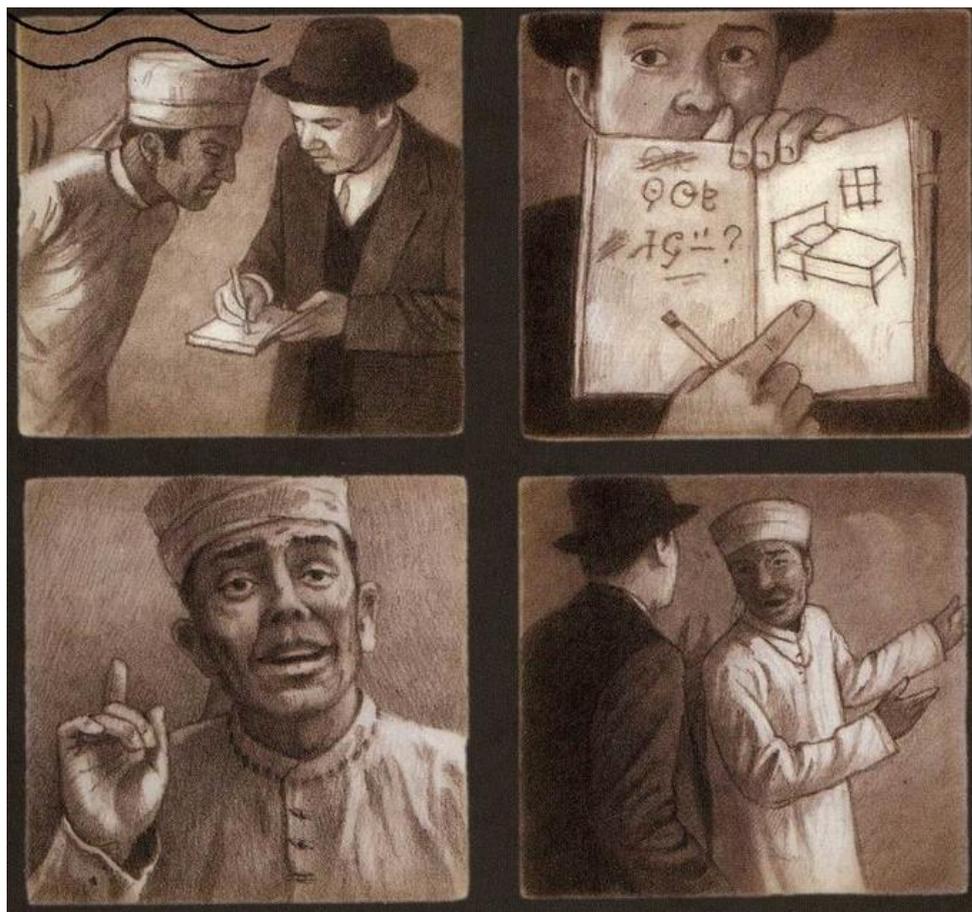


Figura 4. Ilustrações Shaun Tan . Livro “A Chegada” (Tan, 2007).

Em todo seu processo de feitura do livro, Shaun Tan entra em contato com a história do seu pai, que saiu da China e foi morar na Austrália para estudar arquitetura. Além desse resgate, também anotou suas memórias de viagens que havia feito e referências de imigrantes em Nova York no período de 1900.

Imaginar é um ato tão necessário em nosso mundo hoje. Não temos tempo e não nos damos tempo. Gaston Bachelard diz: “A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer” (Bachelard, 1989: p. 02).

Um treino do olhar é que percebo no trabalho de Marie Angie Bordas e Shaun Tan a união entre a imagem e a subjetividade, beneficiada pelo campo da experiência e da observação. O ato de produzir poesia não só escrita, também imagética, fica democrática. A outra coisa que reflito ser importante neste trabalho é pensar que em situações de tanta escassez e de desamparo, a imaginação é imprescindível para alma e até para o nosso existir

no mundo. Associo a imagem poética que faz parte de nós, como algo que vem direto de nossos corações e das nossas almas.

A sensação que tenho é que só é permitido imaginar na infância e depois, não mais. Digo isso para além dos livros, porque em uma sociedade que prioriza o pensamento racional e produtivo, a poesia e a poética perderam espaço. Nesse sentido, Bachelard (1989, p. 04) diz que “em sua simplicidade, a imagem não tem necessidade de um saber. Ela é dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão é uma linguagem criança”. Penso o quanto calamos e somos obrigados a calar nossas crianças internas em nome de um crescimento que prioriza o racional somente. Não que crescer seja ruim, mas o quanto silenciar a nossa poesia nos prejudica, deixando só para crianças e outros setores a parte de imaginar, racional ou só poético, quando, no fundo, podemos ser os dois e isso faz parte do acolher.

Bachelard (1989:p.04) continua: “Para bem especificar o que pode ser uma fenomenologia da imagem, para especificar que a imagem vem antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é, mais que uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. Deveríamos acumular documentos sobre a consciência sonhadora”.

Quando vejo a importância do imaginar nesses trabalhos educativos, ainda mais em grupos que sofreram traumas e de como isso pode ser uma expansão da consciência de si e do outro, como pode ajudar a construir nossas subjetividades internas e a dos outros também, ainda assim gosto de pensar como Bachelard (1989:p.02): “Em estudo do fenômeno da imagem poética, quando a imagem emerge na consciência como produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade”.

Como se alguém passasse por nós e nos lembrássemos do tempo, da observação, da apreciação que pode virar poesia, não porque elas são detentoras de algo, mas porque nos lembram, nos puxam de volta, para o apreciar e sonhar, para o ócio, para o prazer.

Antes de começar a escrever o final do trabalho de conclusão de curso, revisei meus escritos sobre as aulas da pós, relembrei as aulas, pois olhar outra vez nos faz lembrar e amadurecer as ideias e os conceitos ensinados. Revisitando as anotações da professora Luiza Helena da Silva Christov, em que discutimos infância, ética e metodologia, me ajudaram a refletir sobre preconceito, xenofobia e intolerância.

Os escritos de Jorge Larrosa, autor com longa experiência em educação, nos ajudavam a guiar as reflexões e os pensamentos proferidos e discutidos naquele ano. O que me chamava atenção era que, por mais que se falasse de crianças e infâncias, eu levava aquilo para todas as

relações. No meu entendimento, o outro é mistério, e eu tenho que me abrir para esse outro, seja criança, adolescente ou adulto. E, é claro, respeitando todos os limites éticos.

Em seu texto “Notas sobre a experiência”, Larrosa (2001;p.25) diz:

“Vamos agora ao que nos ensina a própria palavra experiência. A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar(experimentar). A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem.”

Penso nesse trecho duas coisas, a transição de quem está em deslocamento, mas também associa-a ao encontro do outro; “A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, estranho, e o ex de existência. A existência é a passagem de um ser que não tem essência, razão ou fundamento mas que simplesmente ‘ex-iste’ de uma forma sempre singular, finita, imanente e contingente.” (Larrosa 2001; p.25)

Em 1997, Umberto Eco profere uma série de palestras sobre imigração na Europa, que virou o livro “Imigração e Intolerância”. Ele tinha esperança, naquela época, de que no futuro a xenofobia diminuiria na Europa e os povos se abriam uns aos outros. É interessante ter uma visão europeia mesmo que antiga, afinal, de 1997 pra cá se passaram mais de vinte anos, muitas coisas aconteceram, principalmente, refugiados sírios entrarem num barco para buscarem ajuda, justo no continente europeu.

A Europa coloniza o mundo desde o século XVI. O colonizador sempre se apresenta como regra, referenciando o olhar para as diferenças, colocando o seu fenótipo e seus costumes como regra. O outro é sempre objeto e isso é parte da obra colonizadora. No fundo, são séculos desse pensamento colonizador no mundo, que foi sendo sofisticado pela ciência e pelas nossas relações de poder, que vem desse aspecto colonizador. O outro nessa linha de pensamento é tudo, menos sujeito. É objeto que precisa ser conquistado, dominado e adestrado. Também podemos dizer de subjugar o outro. No mais, tudo isso entra em um lugar, em uma categoria onde existem uns melhores e outros piores, uns mais evoluídos e outros menos evoluídos, vemos isso ainda na educação e nas nossas relações com os outros e, claro, nas imigrações e situações de deslocamento forçado.

Veja, sempre migramos, a maior parte de quem sai em situação de refúgio vai para países de terceiro mundo. A situação de refúgio passa a ser um problema quando sírios decidem ir a Europa. Isso me chama atenção. De repente, isso vira uma crise de refugiados, e toma a atenção da mídia. Será por causa da cor da pele ou por que eles foram até a Europa? O problema não é a situação de refúgio ou de imigração, mas é tratar essas pessoas como inferiores, criminosas, ou, ainda, como selvagens. Séculos atrás os europeus iam aos continentes e diziam que determinado povo do lugar em que chegavam era inferior e que tudo que era feito era para “salvar” essas pessoas. Agora outros povos precisam de ajuda, abrigo, emprego e dignidade, mas a lógica de que se é inferior, perigoso, criminoso, a xenofobia e o preconceito continuam.

Mesmo com o Estatuto do Refugiado existindo há 70 anos, pode-se não cumpri-lo. Como, por exemplo, os sírios na fronteira da Grécia, ou até o ex-presidente Donald Trump, que separava as crianças de seus pais e deixou um muro para demarcar bem a separação com o México, ou então a longa espera em campos de refúgio para que algum país aceite estas pessoas. O medo que alguns países têm e usam como justificativa para o que poderia acontecer com a população, como, por exemplo, perdas de empregos, atos de terrorismo, ou que a hegemonia cultural se perca com a chegada de imigrantes ou deslocamento forçado. A crise talvez não seja tanto sobre o deslocamento, mas o tamanho do preconceito diante de povos que precisam de acolhimento e ajuda.

Conclusão

Ao começar esta pesquisa analisei o que existia em produções acadêmicas sobre o assunto, e encontrei muito pouco. Depois, quando começaram as entrevistas, a Marie Angie me contou que esse é um tema estudado fora do Brasil já há algum tempo, e aí eu entendi um pouco a falta de pesquisa acadêmica sobre o assunto. Ainda não é uma pauta urgente aqui, apesar de virem para cá haitianos e bolivianos, mas penso que se fossem europeus, talvez nossa preocupação fosse outra. A ideia sempre foi afastar o olhar sobre esse assunto da mídia e do suposto modismo.

O fato de ter escolhido livros que falam da periferia do mundo, também me confirma que não damos atenção a determinados países, que ainda hoje esse olhar, essa percepção etnocêntrica que herdamos, existe, inclusive nesses lugares. Afastar o olhar do midiático faz refletir sobre todo um mundo que migra e precisa de ajuda, pois não tem a recepção muitas vezes necessária.

No mais, esta pesquisa me deu uma compreensão de outras coisas, como o de estar presente na vida. Conhecer o trabalho da Marie Angie Bordas foi um ponto chave de transformação para mim, de reflexão para muitas coisas também. Esse assunto transbordou para tantos outros, como usar com tanta sabedoria seus privilégios, ir até o outro e deixá-lo à vontade para ele ser quem ele é e deixar o outro mostrar os seus saberes. Isso é, a meu ver, muito libertador e generoso, ainda mais narrar outras infâncias incluindo o ponto de vista delas, ao invés de falar de alguém na presença dela, na terceira pessoa.

O outro como objeto de estudo é um belo exemplo de humanização. E que algumas vezes as coisas não são fáceis, ainda mais em situações de deslocamento forçado, migrar, mudanças, mas mudanças bruscas, esse trabalho de narrar e fazer pensar a ficção da vida delas me reflete sobre como fazemos esse exercício de expandir o olhar de si e o olhar do outro, porque a máxima de que “enquanto se ensina se aprende” é muito real.

Em um mundo em que ainda se fazem presentes muitos preconceitos, como a xenofobia, nosso pensamento ainda é construído para colonizar, para conquistar e anular. Talvez essa seja a nossa dificuldade de entendimento com o outro, quando só um pode estar certo, quando uma forma de viver é a certa, e de repente temos uma régua do mundo tão empobrecedora e tão excludente, nossos ouvidos parecem que estão ficando fechados, para si e para o outro, e o encontro se torna impossível. Não existe transformação quando tem competição ou exclusão.

Algumas verdades são encontradas de forma coletiva. Para isso acontecer, exige escuta e conversa sem anulações, com o outro, em que o olhar para o diferente levanta as defesas. É importante ouvir histórias e poder dizer as nossas histórias. Penso que ao me dar conta da minha história e ouvir a história do outro voltamos a nos humanizar, nos obriga a um exercício ético, tão em falta nesses tempos sombrios.

Partilhar histórias, partilhar nossas experiências de forma oral, pela escrita, pelo livro, perceber que o outro também é detentor de histórias como você, publicar livros, mesmo que não sigam a tendência de mercado, mas por um direito humano, já é um passo de inclusão. Ouvir as diferentes infâncias é o nosso exercício, para sair do nosso umbigo e entender que o mundo não é só eu ou só seu. Isso é sobre nós e isso é ético e estético. E a palavra, nesse exercício, nessa escuta, nesse acolhimento, nessa inclusão, a palavra como experiência é livre.

Referências

Acnur (2021) *Acnur no Brasil*. [Consult. 2021-03-11]. Disponível em <
<https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/>>

Bachelard, Gaston (1989) *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 978-8533602342

Bordas, Marie Ange (2018) *Dois meninos em Kakuma*. São Paulo: Pulo do Gato. ISBN: 978-8595760066

Bordas, Marie Angie (2020), Entrevista concedida a Aline Monfredini, São Paulo, 10 ago. 2020

Eco, Umberto (2020) *Migração e Intolerância*. Rio de Janeiro: Editora Record. ISBN: 978-8501117137

Migra Mundo (2019) *Migrações, Refúgio e Apatridia - Guia para Comunicadores*. [Consult. 2021-03-11]. Disponível em
<http://www.ficas.org.br/dv_files/midias/20190503142915_dbarquivos.pdf>

Tan, Shaun (2007) *A Chegada*. São Paulo: SM. ISBN: 978-8576757375

Tan, Shaun (2021) *The Arrival*. [Consult. 2021-03-11]. Disponível em <
<https://www.shauntan.net/arrival-book>>

Larrosa, Jorge (2001) *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, Revista Brasileira de Educação, número

Leite, Márcia (2020), Entrevista concedida a Aline Monfredini, São Paulo, 5 ago. 2020